

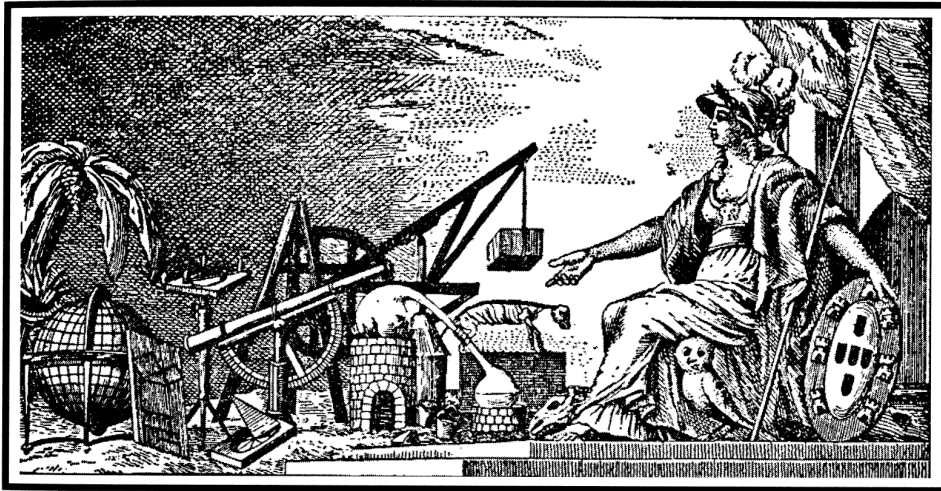
MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XXXVII



LISBOA • 2006



MODERNIDADE DE CAMILO CASTELO BRANCO

JOÃO BIGOTTE CHORÃO

Poucos escritores têm sido, como Camilo, vítimas do lugar-comum. E o lugar-comum é considerá-lo um passadista, para usar a terminologia posta em circulação pelo futurismo. E passadista porquê? Porque o seu mundo é um mundo morto e a sua linguagem (ainda o seu melhor título) também antiquada, para não dizer arcaica. Já ninguém fala e escreve assim...

Este não é apenas o lugar-comum do homem da rua, mas a douta opinião de celebrados literatos. Não faz muitos dias, um deles veio declarar ao mundo que Camilo, o pobre Camilo provinciano, não passa de uma versão moderna do vetusto Filinto Elísio, hoje quase ilegível e alimento só para caturras. O seu é um neoclassicismo livresco, aqui e além sobressaltado por uma emoção pré-romântica, expressa em versos soltos. Os filintistas faziam literatura e não davam à vida o que pertence à vida.

Pois o pobre Camilo não se livra desse labéu de filintismo retardado, ele que, em nossa ignorância, tínhamos por um escritor que, em seus livros, deu livre curso a sentimentos tão fortes como o amor e o ódio, o perdão e a vingança, a generosidade e a avareza. E que para exprimir

esses sentimentos e ressentimentos utilizou o seu vasto arsenal linguístico para escolher as palavras mais adequadas a transmiti-los. As personagens camilianas falam e escrevem (se sabem escrever) de acordo com a sua condição, instrução e sensibilidade. As cartas de Teresa, para dar um exemplo, têm o patético (mas não o lúdico) da epistolografia camiliana.

Em Camilo reduz-se o quadro à moldura. A moldura é necessariamente a do tempo — e o tempo tudo muda, as instituições, os homens, os costumes. Camilo vem ainda do tempo das liteiras, dos morgados, dos capitães-mores, dos outeiros, dos conventos em que se recolhiam donzelas, não por vocação religiosa, mas por rebeldia, dos elegantes salões em que jovens «leões» namoravam suas presas. O valor da moldura é, hoje, sobretudo histórico e sociológico.

Mas até as obras que desafiam os séculos, a *Divina Comédia* e o *Quixote*, não acusam a pátina do tempo, não reflectem a cor local? O mundo não se rege já por uma visão teocêntrica e os poetas não têm a cultura teológica de Dante. E quantas personagens do Poema as salvou do limbo ou do esquecimento eterno o Poeta. E os ideais e os livros de cavalaria são-nos tão estrangeiros como a mítica Dulcinea. Os protagonistas é que são vivos porque inerente ao homem a propensão idealista e a propensão pragmática. Serão Quixote e Sancho duas figuras distintas ou duas facetas distintas do mesmo homem?

Mais que a moldura, é o quadro que nos deve interessar — o retrato das personagens, a expressão dos seus sentimentos e a sua universalidade. Ora, na ficção de Camilo encontramos personagens desenhadas com traços incisivos, de uma grande economia de meios (as lentas, longas, saborosas descrições eram para Eça), toda uma extensa galeria (consulte-se o *Dicionário das Personagens da Novela Camiliana*, coordenado pela Prof.^a Maria de Lourdes Ferraz, para se ter uma ideia do formigueiro que ali se agita), galeria em que vemos representadas as várias condições sociais que vivem no campo ou na cidade e falam a linguagem que lhes é própria. O mundo de Camilo é pois um mundo vivo, e não, como se diz, um mundo morto, tão reais as criaturas que o habitam, amando, odiando, perdoando — em suma, carregando a cruz da nossa condição. Para temperar esse universo dramático, Camilo tem uma desenvoltura lúdica que lhe dita não poucas das suas páginas mais memoráveis.

Camilo sempre elegíaco, Camilo sempre igual, Camilo sempre monótono? Só pode ter essa opinião quem não o leu ou leu mal. Todo o autor, ainda o mais fecundo, mantém, na multiplicidade dos seus títulos, uma fidelidade essencial a certas ideias e a uma determinada visão do

mundo. Não faltam, porém, na história literária, casos de escritores que, violentando a sua vocação primigéna, mudam de caminho para se exibirem em malabarismos de artista de circo. É sempre um risco querermos ser nós e o contrário de nós.

Camilo, fiel a si próprio e ao seu mundo, tem livros que, desde o título, anunciam um gosto antitético: *Amor de Perdição/Amor de Salvação*, *Estrelas Funestas/Estrelas Propícias*. Mais significativa, porém, é a mobilidade do autor em glosar *ad infinitum* os mesmos temas. Não fica imobilizado como uma estátua de sal, mas caminha, caminha sempre *pour se faire des surprises*. Mas a maior surpresa é a do leitor, até do velho leitor, atordoado por tantas voltas sobre o mesmo mote.

Para ilustrar essa espantosa mobilidade, abramos *O que Fazem Mulheres*, «romance filosófico», como lhe chama o autor, que andava então pelos 30 anos. É um título camiliano não muito lembrado e que antecede os grandes livros dos anos 60. E, no entanto, aquele romance escrito em meados do século XIX é verdadeiramente revelador da modernidade de Camilo, que subverte o cânone narrativo, joga ludicamente com o leitor e antecipa o que veio a chamar-se desconstrução. Tal é o malabarismo do autor que apetece dizer: o que faz Camilo!

É tudo o contrário de uma narrativa linear, como o clássico *Amor de Perdição*, porque, em *O que Fazem Mulheres*, o autor se dá a um vertiginoso exercício e fala de tudo e de mais alguma coisa. Fala, antecedendo Tchekov, dos malefícios do tabaco (um charuto é que desencadeia o drama), do matrimónio e do adultério, da paternidade e da filiação, da condição da mulher, que encontra nele um eloquente advogado. E como não é, nunca foi, nunca será um narrador neutral, intervém na história, com arrazoados de carácter jurídico e ético, abonando-se em autoridades e tratadistas, alguma citação bibliográfica em nota de pé de página e, pasme-se, comentários, também em rodapé, a ditos e feitos de personagens.

Como se tornou depois usual em Camilo, antecedeu ele a novela de um prefácio — «A todos os que lerem». E contrariando o costume de os autores apresentarem sobriamente a sua obra e explicarem os seus objectivos, Camilo diverte-se a depreciar o que escreveu, nada mais que uma tremenda história de faca e alguidar. Não contente com isso, acrescenta a esse prefácio uma pequena advertência — «A alguns dos que lerem» —, certo de que não serão muitos os que aguentarão a estopada. E vai mais longe na sua provocação — inovadora provocação —, abrindo um livro com um «capítulo avulso» — capítulo «para ser colocado onde

ÍNDICE DIDASCÁLICO

Modernidade de Camilo Castelo Branco, por <i>João Bigotte Chorão</i>	7-16
Duas obras centenárias de Alfred Binet (1857-1911): <i>L'Étude Expérimentale de l'Intelligence</i> (1903) e <i>Méthodes nouvelles pour le diagnostique du niveau intellectuel des anormaux</i> (1905), por <i>Manuel Viegas Abreu</i>	17-35
Filosofia e literatura, por <i>Joaquim Cerqueira Gonçalves</i>	37-49
Reflexão sobre ficção de história, por <i>José-Augusto França</i>	51-57
<i>Geografia de Portugal</i> : das tentativas iniciais à obra colectiva de 2005-2006, por <i>Carlos Alberto Medeiros</i>	59-74
Interpretações do Brasil, por <i>Antonio Paim</i>	75-87
Encontro das áreas culturais: o desafio, por <i>Adriano Moreira</i>	89-98
Educação e desenvolvimento: inteligibilidade das relações complexas, por <i>Teresa Ambrósio</i>	99-117
Relações culturais luso-brasileiras depois da independência — Uma perspectiva literária, por <i>Fernando Cristóvão</i>	119-141
A integração europeia no mundo globalizado, por <i>Paulo de Pitta e Cunha</i>	143-151
Tipobibliografía hispana de los siglos xv y xvi, por <i>Julián Martín Abad</i>	153-179
Necessidade e actualidade das ciências da educação, por <i>Albano Estrela</i>	181-193
Ulisses em Lisboa: mito e memória, por <i>Aires A. Nascimento</i>	195-224

*

O ILUMINISMO LUSO-BRASILEIRO

SESSÃO CONJUNTA DE MEMBROS
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
E DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Discurso do Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Viní- cios Vilaça	227-233
História e cultura nas relações entre o Brasil e Portugal, por <i>Mário</i> <i>Soares</i>	235-248
Projeções do iluminismo, por <i>Eduardo Portella</i>	249-253
A creoulização política do iluminismo, por <i>Adriano Moreira</i>	255-261
Iluminismo luso-brasileiro?, por <i>António Braz Teixeira</i>	263-274
Portugal e Brasil entre a ilustração e o iluminismo, por <i>Sérgio Paulo Rouanet</i>	275-287
Alguns aspectos da educação das crianças e jovens, no tempo das «Lu- zes» — O caso português, por <i>Fernando Cristóvão</i>	289-302
Os iluministas e a escravidão, por <i>Alberto da Costa e Silva</i>	303-311
Tentativas de introdução da tipografia no Brasil, por <i>António Valdemar</i>	313-324
Discurso do Vice-Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Eduar- do R. Arantes e Oliveira	325-331
Os poetas da inconfidência, escolares de Coimbra, por <i>Aníbal Pinto de</i> <i>Castro</i>	333-349

*

O Padre António Vieira e os negros, por <i>Lúcio Craveiro da Silva</i>	351-360
A globalização: novos desafios para a teoria e para as políticas econó- micas?, por <i>Manuel Porto</i>	361-392
Encruzilhadas do desenvolvimento, por <i>A. Simões Lopes</i>	393-411

APÊNDICE

Discurso de posse do Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vinícius Vilaça, na Academia das Ciências de Lisboa	415-426
---	---------

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A. SIMÕES LOPES:	
<i>Encruzilhadas do desenvolvimento</i>	393-411
ADRIANO MOREIRA:	
<i>Encontro das áreas culturais: o desafio</i>	89-98
ADRIANO MOREIRA:	
<i>A creoulização política do iluminismo</i>	255-261
AIRES A. NASCIMENTO:	
<i>Ulisses em Lisboa: mito e memória</i>	195-224
ALBANO ESTRELA:	
<i>Necessidade e actualidade das ciências da educação</i>	181-193
ALBERTO DA COSTA E SILVA:	
<i>Os iluministas e a escravidão</i>	303-311
ANÍBAL PINTO DE CASTRO:	
<i>Os poetas da inconfidência, escolares de Coimbra</i>	333-349
ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA:	
<i>Iluminismo luso-brasileiro?</i>	263-274
ANTONIO PAIM:	
<i>Interpretações do Brasil</i>	75-87
ANTÓNIO VALDEMAR:	
<i>Tentativas de introdução da tipografia no Brasil</i>	313-324
CARLOS ALBERTO MEDEIROS:	
<i>Geografia de Portugal: das tentativas iniciais à obra colectiva de 2005-2006</i>	59-74

EDUARDO PORTELLA:	
<i>Projectões do iluminismo</i>	249-253
EDUARDO R. ARANTES E OLIVEIRA:	
<i>Discurso</i>	325-331
FERNANDO CRISTÓVÃO:	
<i>Relações culturais luso-brasileiras depois da independência — Uma perspectiva literária</i>	119-141
FERNANDO CRISTÓVÃO:	
<i>Alguns aspectos da educação das crianças e jovens, no tempo das «Luzes» — O caso português</i>	289-302
JOÃO BIGOTTE CHORÃO:	
<i>Modernidade de Camilo Castelo Branco</i>	7-16
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA:	
<i>Reflexão sobre ficção de história</i>	51-57
JOAQUIM CERQUEIRA GONÇALVES:	
<i>Filosofia e literatura</i>	37-49
JULIÁN MARTÍN ABAD:	
<i>Tipobibliografía hispana de los siglos xv y xvi</i>	153-179
LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA:	
<i>O Padre António Vieira e os negros</i>	351-360
MANUEL VIEGAS ABREU:	
<i>Duas obras centenárias de Alfred Binet (1857-1911): L'Étude Expérimentale de l'Intelligence (1903) e Méthodes nouvelles pour le diagnostic du niveau intellectuel des anormaux (1905)</i>	17-35
MANUEL PORTO:	
<i>A globalização: novos desafios para a teoria e para as políticas económicas?</i>	361-392
MARCOS VINÍCIOS VILAÇA:	
<i>Discurso</i>	227-233
MARCOS VINÍCIOS VILAÇA:	
<i>Discurso</i>	415-426
MÁRIO SOARES:	
<i>História e cultura nas relações entre o Brasil e Portugal</i>	235-248

PAULO DE PITTA E CUNHA:

A integração europeia no mundo globalizado 143-151

SÉRGIO PAULO ROUANET:

Portugal e Brasil entre a ilustração e o iluminismo 275-287

TERESA AMBRÓSIO:

Educação e desenvolvimento: inteligibilidade das relações complexas 99-117